

Velhice da mulher negra e Identidade: Análise de uma personagem

Black Woman's old age and Identity: A character's analysis

Gabriella de Carvalho Siqueira¹, Marcelo Vinicius Costa Amorim¹, Fernando César Paulino-Pereira¹

RESUMO: Neste estudo é discutida a velhice da mulher negra por meio da análise de identidade da personagem fictícia Jerusa, protagonista do curta-metragem O Dia de Jerusa. O objetivo é compreender como se dá a construção da identidade desta personagem. Para isso, como recurso metodológico na coleta de dados, utilizamos a narrativa de história de vida e, para sua análise, da epistemologia do materialismo histórico, cujo leitura da identidade é movimento. Autores como Berger e Luckmann, Ciampa, Heller, hooks, Munanga e Paulino-Pereira, fornecem nosso aporte teórico. Os resultados apontam que na construção de identidade da personagem analisada, ser uma mulher negra e idosa é fator que determina sua condição e reduz suas possibilidades de existência. Além disso, é perceptível o processo de desumanização ao qual foi e está submetida e como isso influi em sua transformação e emancipação ao decorrer de sua socialização.

Palavras-chave: Psicologia Social; Velhice; Mulher Negra; Narrativa; Identidade.

ABSTRACT: This study discusses the aging of black women through the analysis of the identity of the fictional character Jerusa, protagonist of the short film O Dia de Jerusa. The objective is to understand how this character's identity is constructed. For this, as a methodological resource in data collection, it uses the character's life story narrative and, for its analysis, the epistemology of historical materialism, so the reading of identity is movement. Authors such as Berger e Luckmann, Ciampa, Heller, hooks, Munanga and Paulino-Pereira provide our theoretical support. The results show that in the construction of the analyzed character's identity, being an old black woman is a factor that determines her condition and reduces her possibilities of existence. Furthermore, the process of dehumanization to which it was and is subjected is noticeable and how this influences its transformation and emancipation during its socialization.

¹Universidade Federal de Catalão (UFCAT)

Keywords: Social Psychology; Old Age; Black Woman; Narrative; Identity.

Introdução

Algumas discussões já elaboradas sobre a velhice nos campos da saúde e das ciências humanas conseguem ampliar o diálogo para além das questões de faixa etária e aspectos biológicos (Mucida, 2009; Silva, 2008; Coutrim, 2006; Silva, 2019). Ao contrário do que parece estar retido no imaginário social, a velhice ocorre de maneira distinta para as – diferentes - pessoas que chegam até ela. A concepção de uma velhice homogeneizante se torna perigosa. É preciso incluir o gênero, aspectos raciais e classe social como marcadores que influenciam na saúde, no trabalho, na moradia, nas relações sociais como um todo. O estudo de Cepellos (2021) nos apresenta a discussão a respeito da experimentação do trabalho, para as mulheres, articulada ao processo do envelhecimento. A feminização no envelhecer aponta para uma espécie de acúmulo discriminatório. Fenômeno que ressoa desigualdades. É urgente pensar a velhice em relação com os potencializadores de desigualdade historicamente perpetradas.

O recente trabalho de Santos e Rabelo (2022) se desenvolve sobre narrativas de mulheres negras e idosas. Ao tratarmos da perspectiva de pessoas que em sua história se articulam múltiplos fatores discriminatórios, as narrativas confirmam determinada experiência de vida ao qual encontramos “racismo intercalada com a lógica patriarcal desde o início de suas vidas” (Silva & Rabelo, 2022, p. 13). Uma realidade contemporânea.

No Brasil, as desigualdades estão fortemente atreladas a aspectos raciais e étnicos, que podem determinar o processo de envelhecimento. Para Silva (2019), o meio acadêmico ainda é relativamente desatento a determinados grupos sociais mais vulneráveis no processo de envelhecimento. Racismo, machismo e patriarcado ceifam expectativas de vida, fatores merecedores de ampla investigação.

Mulheres, pessoas negras ou idosas, considerados grupos minoritários, estão sujeitos a maneiras distintas de discriminação. Em consonância com Paula et al. (2017), ao pensarmos “minorias” nos referimos a grupo de pessoas que se encontra subjugado e inferiorizado em relação a um ou mais grupos dominantes. Tal como a personagem foco de nosso estudo, Jerusa, ao qual apresenta a união de marcadores discriminatórios. Jerusa: mulher, negra e em processo de envelhecimento. A personagem fictícia tem um dia de sua vida contado no curta-metragem *O dia de Jerusa*, lançado em 2014². Na data de seu aniversário de 77 anos Jerusa é interrompida pela campainha em meio a seus preparativos para a comemoração. Quando atende, se depara com uma pesquisadora de opinião, Jerusa a convida para entrar. Um encontro que recupera memórias de toda uma história de vida. Deparamo-nos com vivências narradas por Jerusa que se tornam material de análise para nosso artigo, é a identidade de Jerusa que colocamos em análise. A identidade da personagem é nosso objeto de pesquisa.

Narrar é poder novamente enredar a sua história pelo emprego da linguagem e da memória. O enredo-trama da personagem mostra as sutilezas da vida cotidiana, o ardil funcionamento do sexismo, do racismo, a solidão que entrecorta a velhice. Evidencia as construções sociais, pois somos produtores e produtos das relações sociais. Ao narrar, a história acontece, o ato narrativo se configura como ação construtivista de uma realidade para aquele que explora e apresenta sua história. Narramos e não só interpretamos, mas construímos nossa vida e nosso mundo (Bruner, 2004). Sabemos que a narrativa cinematográfica é antecedida pela literária, esta última subsidia a primeira, mas ambas

² Conforme indica o trabalho de Souza e Santos (2016), “O Dia de Jerusa (Original). Ano produção: 2014 / Estreia 2014 (Mundial). Dirigido por: Viviane Ferreira. Gênero: Ficção. Duração: 20 minutos. Brasil. Sinopse: O dia de Jerusa relata o encontro de Jerusa (Léa Garcia), moradora do bairro do Bixiga, São Paulo com uma pesquisadora de opinião, Sílvia (Débora Marçal)”. Contudo referenciamos o ano de 2017, material de livre acesso na plataforma Youtube. Para acessá-lo: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=0RY3pkRcPiQ&t=338s>. Lembramos o leitor que, após o relativo sucesso do curta-metragem, a cineasta Viviane Ferreira produziu o longa metragem “Um dia de Jerusa” (2021), disponível hoje na plataforma Netflix. Embora o enredo entre as duas obras seja extremamente próximo, optamos por trabalhar exclusivamente com o curta-metragem.

têm a função de construir a identidade do ponto de vista cultural. Segundo Román et al. (2010), a narrativa audiovisual consegue articular potentes elementos que representam personagens da vida cotidiana.

Para Benjamin (2021) houve um processo histórico promovendo transformações na obra de arte no que tange sua função social, assim a arte ganha fundamentação na política. Para o autor, o cinema e sua linguagem visual em especial, embora seja interpenetrado pelas forças do mercado, mantém potência revolucionária e contesta relações sociais. Válido considerar que o curta metragem pode dizer das relações cotidianas e da construção da identidade.

Pensar sobre a temática da velhice da mulher negra hoje nos parece ser importante via de investigação de processos de alienação/emancipação. Nossa análise, impulsionada já no levantamento bibliográfico, aborda aquilo que tem sido pouco discutido dentro do campo da pesquisa em psicologia social: qual lugar é outorgado a velhice-racializada? Oportuno entrecruzar categorias de gênero, raça e velhice. Justificamos nosso estudo pela necessidade de se afirmar determinadas vozes, contrário aos processos de silenciamento e opressão impostos as mulheres negras em envelhecimento. Partimos, portanto, da seguinte hipótese: o racismo se materializa na vida da mulher negra idosa, cristalizando-a em papéis sociais pautados exclusivamente em atividades servis.

Ao propormos o objetivo geral de compreender a construção da identidade da personagem Jerusa, debruçamo-nos sobre os atravessamentos enquanto mulher negra na velhice, amparados no conceito de identidade apresentado por Ciampa (1994, 2001). Especificamente, objetivamos: a) analisar os processos de alienação-emancipação para compreender a realidade “ficcional” da personagem Jerusa; b) discutir questões de socialização concernente ao sintagma Identidade-metamorfose-emancipação na condição da mulher negra em processo de envelhecimento para realidade concreta.

Percursos Metodológicos

Nosso estudo efetua uma leitura qualitativa da realidade. A escolha metodológica deste trabalho foi traçada a partir dos apontamentos de Bruner (2002) ao qual homens e mulheres conservam certa capacidade e potencialidade de narrar sua trajetória e experiência de vida. A produção cinematográfica é uma produção coletiva e representa o mundo circundante (Benjamin, 2021). Efetuamos assim uma investigação qualitativa utilizando a técnica narrativa a partir da apropriação de uma história de vida, replicando o método apresentado por Ciampa (2001) em sua tese-livro. Como instrumento de coleta de dados; a) apreendemos a narrativa de história de vida da personagem Jerusa, presente no curta-metragem *O Dia de Jerusa* (2017) e transcritas para este estudo; b) produzimos uma síntese da narrativa da personagem, operação descritiva; c) analisamos a personagem a partir do conceito de identidade. Nos orientamos pela epistemologia do materialismo histórico e seu método dialético, permitindo-nos analisar a realidade enquanto processo de mudança. Assim, a identidade não é algo estático ou cristalizado possuindo sua nuance de inacabamento, em constante movimento (Ciampa, 2001). Nossa análise inclui a dimensão histórica e política. Interpretamos a estória de Jerusa, presente na obra cinematográfica, enquanto reflexo da vida cotidiana, ou seja, reflexo da realidade concreta da sociedade contemporânea.

Discussão e articulação teórica

Realidade que constrói o indivíduo que “serve”

Determinadas relações sociais produzem uma realidade perversa cuja as mulheres negras são fatalmente entendidas como “um corpo sempre a serviço”. Essa questão é histórica. Desde o século XVIII, a cor da pele é considerada como um critério fundamental e divisor d’águas entre as chamadas raças. Munanga (2004) critica essa ideia da espécie humana se dividir em três raças, algo que persiste tanto no imaginário coletivo

quanto na terminologia científica, são elas: raça branca, negra e amarela. Ainda de acordo com Munanga (2004), no século XIX, outros critérios foram adicionados a compreensão das raças, sendo eles a forma do nariz, lábios, queixo e até mesmo o formato do crânio. É a hierarquização das raças, o racismo. Criação e suporte para certa assimetria de poder a partir de atributos hereditários, marcando quem deve dominar e quem deve ser escravizado (Munanga, 2004).

Guimarães (1995) discute que o estudo das relações raciais, amparado no modelo norte-americano, foi utilizado de maneira a compreender a construção social das raças no Brasil. Tal modelo estava “sancionado por regras precisas de filiação grupal, baseadas em arrazoados biológicos que definiam as ‘raças’” (Guimarães, 1995, p. 27). No entanto, encontramos no Brasil expressão mais contundente de questões fenotípicas, fundamentalmente balizadas pela “cor”. Com efeito, na década de 1970 a realidade científica da raça foi parcialmente desacreditada, mas permanecendo nas representações e estereotípias cotidianas. É um processo ao qual as desigualdades raciais tornam-se operacionalizadas por “mecanismos sociais mais sutis — a educação escolar, a seletividade do mercado de trabalho, a pobreza, a organização familiar etc” (Guimarães, 1995, p. 29). Eis a dificuldade de se perceber/denunciar determinados processos desumanizadores, camuflados pela “democracia racial”. Todavia, conforme Benjamin (2021), a obra de arte pode nos oferecer a imagem e contato com o que passa despercebido na experiência da vida cotidiana.

A deslegitimação do racismo pela perspectiva biológica não elimina sua presença na estrutura social, nas relações sociais (Costa, 2002). Esse racismo vigente é explicitado quando recuperamos importantes reflexões referente aos anos da pós-abolição. A Diretoria de Estudos Sociais [DISOC] nos apresenta uma síntese importante:

Esse período foi marcado tanto por uma ausência de políticas públicas para os ex-escravos e a população negra livre, como pela implementação de iniciativas que contribuíram para que o horizonte de integração dos ex-escravos ficasse restrito às posições subalternas da sociedade. Dentre as políticas públicas que contribuíram para o aprofundamento das desigualdades no país destaca-se a promoção da imigração. Claramente assentada na ideologia do branqueamento, a entrada maciça de imigrantes europeus deslocou a população negra livre para as colocações menos atraentes no mercado de trabalho (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2008, p. 3).

Benedito (2009) complementa: existe certo interesse em fomentar uma sociedade com características eurocêntricas, isso força as pessoas negras a marginalização no pós-abolição, promove-se a contínua inferiorização das pessoas negras, em especial, da mulher negra.

O mercado de trabalho é, como expõe o estudo de Lima et al. (2013), um *locus* privilegiado de análise das desigualdades. Estudos publicados nos mostram que mulheres empobrecidas – em sua grande maioria negras – estão ligadas a empregos domésticos e atividades precarizadas, mal remuneradas. “As desigualdades de acesso a determinados ramos de atividade, assim como o ingresso em ocupações menos formais, estão fortemente mediadas por fatores que se relacionam com a discriminação de gênero e raça” (Lima et al., 2013, p. 55). Evidências de que historicamente temos fornecido uma realidade desumanizante as mulheres negras.

Nesse contexto, o feminismo ganha força preponderante na luta contra o sexismo, exploração, opressão e violência que sofrem os corpos femininos. No entanto, é preciso destacar que as opressões raciais sofridas pelas mulheres negras foram invisibilizadas no interior de determinada perspectiva feminista. Assim, parte de suas reivindicações

centravam-se, principalmente, na inserção da mulher no mercado de trabalho. Conservou-se a supremacia branca e estas mulheres obtiveram sua “fatia” no mercado de trabalho, perpetuando a manutenção do sistema de opressão.

A reflexão de bell hooks³ (2018) nos apresenta uma síntese da perspectiva e desdobramentos da luta feminista estadunidense. A crescente insatisfação das mulheres brancas ao confinamento do lar “inaugura”

uma crise das mulheres, era de fato uma crise somente para um grupo pequeno de mulheres brancas com alto nível de educação. Enquanto elas reclamavam dos perigos do confinamento no lar, a maioria das mulheres da nação era da classe trabalhadora. E muitas dessas trabalhadoras, que se dedicavam a longas horas de trabalho, com baixos salários, e ainda faziam todo o trabalho doméstico, teriam enxergado o direito de ficar em casa como ‘liberdade’ (hooks, 2018, p. 66).

Segundo Cepellos (2021), para além do salário, status relativamente reduzidos, estresse e o não reconhecimento de parte do trabalho por elas desenvolvido, as mulheres passam por exposições sistemáticas a eventos violentos e traumáticos. Em recorte racial, no Brasil, as exageradas jornadas de trabalho é a realidade da maioria de mulheres negras. Além disso, Silva (2013, p. 110) nos demonstra que para “as mulheres negras das classes mais pobres, a participação no mundo do trabalho é, em geral, precoce, precarizada e as inscreve, de partida, em patamares desvantajosos”. Como aponta Gonzalez (1979), a mulher negra é representada e tipificada entre a doméstica e a mulata, profissional-objeto que serve muito bem as demandas do mercado de trabalho, o sistema hegemônico de exploração.

³ Conservamos a escolha da autora por se nomear somente com letras minúsculas. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/>

Esse corpo feminino, negro e que fora escravizado é descrito por Santos (2018) como um corpo a serviço, um corpo que foi e ainda é, por meio da força e da violência, explorado sexualmente e reservado a servidão. Para a autora a mulher negra-serviçal, coisificada, tem seu corpo “reconfigurado” pela tendenciosa lógica da exploração como se ainda estivesse nas entranhas da maquinaria escravocrata.

Para as mulheres negras reserva-se um mercado de trabalho com subempregos, baixa remuneração salarial e pouco ou nenhum direito trabalhista (Benedito, 2009). É uma realidade danosa que incluirá o processo de envelhecimento. A tríade raça-gênero-exploração nos leva a problematizar: se o negro tem seu corpo exclusivamente “incluso” no servir, como podemos pensar a situação desse corpo quando ele deixa de ser útil ao mercado de trabalho? E a mulher negra, como é vista em tal contexto? O que resta ao corpo que não pode mais “servir”?

Autores como Maroun e Vieira (2008), Cruz e Ferreira (2011), discutem que o corpo se torna útil, sob a ótica capitalista, em virtude de seu ritmo de produção e, a partir desta lógica, é entendido como uma máquina, limitando-se a uma força de trabalho. Contudo, com o avançar da idade, com o envelhecimento propriamente dito, essa força tende a diminuir, ao passo que o indivíduo diminuindo sua “capacidade” passa a ser visto como “um ser incapaz de produzir, perdendo seu papel na sociedade onde predominam os valores relacionados à capacidade para o trabalho e independência, tendo sua condição desvalorizada” (Cruz & Ferreira, 2011, p. 147). Essa desvalorização é experimentada pelos idosos que muitas vezes lutam para reverter tal situação, seja trabalhando mesmo após a aposentadoria ou tentando retardar esse processo. Para Veras (2009, p. 549) “o prolongamento da vida é uma aspiração de qualquer sociedade. No entanto, só pode ser considerado como uma real conquista na medida em que se agregue qualidade aos anos

adicionais de vida”. Embora entendemos a necessidade de se refletir de forma aprofundada sobre questões de políticas públicas, isso escapa do escopo deste trabalho.

Envelhece-se social e biologicamente, trata-se de um conjunto de agentes estruturantes dos espaços possíveis de vida (Bourdieu, 2006). Frequentemente inserida em uma realidade na qual as condições de vidas são precárias, por vezes desumanas, compromete-se intensamente a qualidade de vida em uma pretensa velhice. Questionamos: a população negra goza do “privilegio” da longevidade? Para Teixeira (2009) o grande problema social da velhice reside na perda que esse corpo que envelhece causa ao capital. A questão da desvalorização, isolamento e exclusão não é necessariamente um fenômeno universal do envelhecimento. Para além da classe trabalhadora que se torna dispensável ao perder sua força de produção, temos os casos aos quais o abandono e a extrema pauperização são intensificados pelo fator racial, é um problema que “tem cor, é preta” (Teixeira, 2009, p. 17). O racismo é real e precisa ser enfrentado.

As recentes reflexões de Schucman e Gonçalves (2020) confirmam a implacabilidade do racismo, a longo prazo, isso tem gerado desdobramentos como subjetividades assujeitadas. São as desvantagens acumuladas historicamente em uma promoção continuada de desigualdades (Silva, 2017). Válido considerar que aí se encontra determinado funcionamento, com base histórica e política, bastante consistente e, portanto, desafiador se nossa proposta for enfrenta-lo. Mas isso não nos impede de fomentar o horizonte cujo racismo e seus operadores conceituais possam ser transformados dentro do movimento cotidiano, das relações sociais. “Como qualquer elemento que se situe na dinâmica social, a raça é um conceito aberto, fluido, instável, em permanente transmutação e sempre sujeito à interferência de outras marcas e signos sociais aos quais se conjuga, como classe, gênero, origem ou nacionalidade” (Schucman

& Gonçalves, 2020, p. 111). Ao articularmos essa discussão com fatores como; o gênero e o envelhecimento, nossos rumos se tornam mais problemáticos.

Para Camarano (2003), há um processo contra as mulheres sabotando suas condições econômicas, fomentando sua dependência, seja de suporte familiar ou estatal. Na velhice, esse suporte tende a falhar, culminando na solidão dos idosos. Em nossa leitura, tal solidão se arquiteta no sentido de abandono.

A solidão é uma categoria ambígua, circulante. Ela é um signo “público” no dizer de Geertz (1989), informa diversas relações de dominação, constituídas nas histórias dos corpos negros-femininos, jovens, pobres, idosos, sexuados, gordos, magros, escuros, claros, masculinizados, feminilizados, explorados, assediados, violados, disciplinado e revoltado (Pacheco, 2013, p. 358).

O movimento negro tem suscitado estudos sobre a questão da solidão da mulher negra evidenciada pela exclusão afetiva relacionado ao racismo estrutural. Somado a uma cultura machista, essas mulheres experimentam um processo de envelhecimento ainda pior. Para abordar e aprofundar melhor no tema, incluímos o conceito da identidade, sem perder de vista as possibilidades de emancipação.

A identidade e as relações sociais

Pensar a identidade é considerar o funcionamento orgânico entre indivíduo e sociedade. É considerar os processos de socializações imanentes a um sistema. Almeida (2017, p. 4) salienta que no “plano social, a noção de emancipação procura dar conta da violência sofrida por indivíduos e grupos. Aqui, segundo a tradição marxista, a violência se apresenta basicamente como exploração, dominação, alienação e controle.”. Sob domínio do sistema capitalista o que se espera dos corpos é energia/força, é juventude, é utilidade. O que percebemos é o crescente apelo pela “máxima” de manter-se jovem. Pela ótica de Goffman (1988) entendemos como há expectativas normativas no convívio

social. A sociedade empreende processos de categorização de seus membros. Anseios empreendidos de antemão para balizar o normal e o comum. As expectativas normativas se apresentam como exigências e, muitas vezes, não permitem que haja uma autonomia na construção da identidade social. Pois, a realidade subjetiva do indivíduo se torna alienada devido alguns estigmas socializados na realidade objetiva.

A sociedade é constituída a partir de uma realidade que é objetiva e de outra que é subjetiva. Na perspectiva sociológica de Berger e Luckmann (2004), toda ação humana, repetida, tende a se tornar hábito e, a partir disso, se faz um padrão. O hábito implica para cada ação uma atividade humana pré-definida a ser compartilhada. Está aí a origem do processo de institucionalização. As instituições são compreendidas pelo indivíduo como fatos exteriores, antecedentes ao seu nascimento e candidatas a ultrapassar sua morte. Isto é a objetivação. A exteriorização - que é o processo de partilha - e a objetivação, são momentos de um processo dialético contínuo. Soma-se a esses dois um outro momento, configurado pela reintrodução do mundo social na consciência durante o processo de socialização, é a interiorização. Para Berger e Luckmann (2004, p. 174) a interiorização consiste na “apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo para mim”. Objetivação, exteriorização e interiorização formam o todo da socialização.

Cotidianamente nos deparamos com “formas de violência que constituem padrões tão arraigados de sociabilidade que, por vezes, são naturalizadas e quase invisíveis como tal” (Almeida, 2017, p. 4). A socialização que produz a “naturalidade” das coisas se desdobra em duas etapas: socialização primária e socialização secundária (Berger & Luckmann, 2004). A primária está relacionada com a infância, nela o indivíduo é introduzido por terceiros no mundo objetivo fazendo-o um membro da sociedade. Quando

esse indivíduo já socializado é introduzido em outros setores do mundo objetivo, chamamos de socialização secundária. A socialização se concretiza de forma impositiva e carregada de afetos deixando inegáveis marcas na biografia de cada um. Trata-se de uma mediação cujo o “mundo social” passa a ser filtrado e entregue seletivamente ao indivíduo para que ele se oriente (Berger & Luckmann, 2004). É preciso investigar a identidade a partir da localização desse indivíduo no mundo e os determinantes de sua identidade. Certas violências aviltam a identidade, essa problemática pode ser examinada junto de suas possibilidades de emancipação (Almeida, 2017).

O que é identidade? Ciampa (1994) busca uma discussão singular para construir seu próprio conceito de identidade. Não pode ser uma resposta dada. O autor nos conduz a um amplo esforço de reflexão. Identidade é processo, é movimento, e isso enreda uma complexidade. Cada identidade merece nosso olhar cauteloso. Pensar a identidade é considerar a transformação/metamorfose (Ciampa, 1994). Movimentar-se é construir uma história, sua história de vida. É a identidade pessoal.

A identidade é o que nos diferencia e também nos iguala, para Ciampa (1994, p. 63) “sucessivamente, vamos nos diferenciando e nos igualando conforme os vários grupos sociais de que fazemos parte”. Disso assinalamos que ser uma mulher, negra e idosa, pode engendrar papéis e narrativas singulares. Existem múltiplas diferenciações que o caráter de plasticidade que a identidade nos fornece. Vivendo em sociedade desempenhamos papéis e participamos de grupos. Segundo Paulino-Pereira (2014, p. 59) “o eu vai se configurando a partir das relações sociais que permitem cada um distinguir papéis, assumi-los e obter o reconhecimento do seu exercício através de outros indivíduos significativos”. A identidade reflete o movimento da vida e seus aspectos podem ser apreendidos pela construção/escuta de suas narrativas.

Papéis sociais e o processo de envelhecimento

No estabelecimento das relações sociais reside a relevância de marcadores sociais como idade, cor, raça, gênero e classe social. Estes incidem sobre os papéis que os indivíduos reproduzem em suas relações sociais. Aí está presente certa dialética. Em discussão sobre os papéis sociais, Heller (1972, p. 106) sublinha as variações dos papéis sociais como inesgotáveis e que os mesmos “jamais esgotam o comportamento humano em sua totalidade”. Cabe a nós buscar compreender como tais variações se sucedem em cada caso particular na vida cotidiana.

Os papéis sociais são fundamentais para entendermos a singularidade, os valores e as possibilidades emancipatórias do indivíduo. Conforme Ciampa (1994, p. 68-70), “em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito”, presentificamo-nos frente a outrem em uma apresentação já cristalizada ou podemos superar nossa “identidade pressuposta” em um movimento e metamorfose. A narrativa de vida desnuda o movimento.

A velhice é, majoritariamente, interpretada como estagnação, oposto de metamorfose. Os estereótipos que são depositados sobre o que é ser “velho” podem fazer com que o indivíduo reponha essa identidade pressuposta e certos papéis que já lhe são atribuídos historicamente. Como se constitui essa identidade sobre a influência de papéis relacionados a cor/raça, gênero e idade, ou seja, como mulher, negra e velha? Para Dayrell (2003, p. 43) “o pleno desenvolvimento ou não das potencialidades que caracterizam o ser humano vai depender da qualidade das relações sociais desse meio no qual se insere”, podendo haver contextos desumanizadores negando certas potencialidades. Destacamos os determinantes sociais.

Para além de serem compreendidos como adjetivos ou representações, os papéis e as posições são, nesse contexto, entendidos como verbo e, portanto, carregam o movimento e a atividade. Determinam o indivíduo transformando sua existência concreta em uma multiplicidade e dando margem ao que Ciampa (1994) chama de “totalidade”. Refletir sobre papéis e grupos de determinado indivíduo, segundo Lane (1994), permite compreendermos sua identidade. Aí está uma concepção de identidade que tende a superar a ideologia dominante pautada na dicotomia indivíduo x coletivo (Lima, 2007). Paulino-Pereira (2014, p. 61) reforça “que a identidade é um fenômeno social, logo, não é possível dissociar o estudo da identidade individual do estudo da sociedade”. A narrativa autobiográfica, esse auto-relato, seja ele ficcional ou não, fornece importantes elementos para o estudo da identidade para as ciências humanas (Ciampa, 2001). Mesmo que a narrativa careça de certas condições para avaliarmos com precisão o quanto ela traz de “superficial” ou “profunda”, também recheada de instabilidades, continua sendo importante mecanismo transmissor de elementos culturais (Bruner, 2004). É sobre essa perspectiva que trabalhamos a seção a seguir: a análise de identidade de uma personagem.

Resultados de análise

Um dia de Jerusa: reflexões sobre a identidade

A primeira cena de Jerusa nos coloca frente a uma representação da vida cotidiana. É o início de um novo dia - como tantos outros -, um dia comum, as pessoas na rua transitam e se esbarram, um catador de recicláveis inicia a manhã puxando seu carrinho. Corriqueiras, as cenas cotidianas nos permitem observar como a vida acontece hoje. Há pressa e há indiferenças. Independente da qualidade, a vida cotidiana é a pautada pela interação e contínua comunicação entre as pessoas (Paulino-Pereira, 2014). Nas ruas de paralelepípedo e de casas com pintura desgastadas, iguais a tantas outras, Jerusa caminha conduzindo seu carrinho de “fazer” feira. A imagem de Jerusa já é o início da narrativa,

trata-se de uma mulher, negra, velha, caminhando lentamente, trajando vestes singelas, com seu cabelo preso.

Jerusa vai as compras sozinha, arruma uma mesa sozinha, prepara um bolo confeitado sozinha. No bolo, duas velas formam o número 77. Já colhemos os primeiros vestígios da identidade de Jerusa. Jerusa, mulher negra e idosa, classe socioeconômica desfavorecida.

Naquele dia comum o soar da campainha da casa de Jerusa parece interromper sua solidão. O som do toque faz Jerusa esboçar um sorriso, é a alegria do encontro. Em sua porta aparece uma mulher - negra e jovem -, ela se apresenta como uma pesquisadora de opinião, seu nome é Silvia. Convidada a entrar, a pesquisadora aceita, adentra a casa e também na história de nossa personagem. Jerusa logo se apresenta, não é apenas Jerusa, é Jerusa Anunciação. Silvia deseja que Jerusa responda a uma pesquisa sobre sabão em pó, perguntas simples, mas que despertam a (re)construção de importantes detalhes da história de vida de Jerusa. Assim como tantas outras histórias, de tanta gente, a de Jerusa também é construída com outras pessoas, e é justamente nessa relação com outro que se edifica a individualidade do sujeito (Paulino-Pereira, 2014).

Se nomear Jerusa Anunciação diante o outro não é o bastante para responder sobre a identidade. Mas dizendo seu nome completo, novos elementos se articulam, é Jerusa Anunciação Mamede. A personagem fala de seu marido, Raduan, detalha seu casamento, o processo do cartório, mas logo destaca sua avó, uma senhora iletrada, porém esperta o bastante para ser enganadora de letrados.

Na relação com o outro, algo se revela e algo se oculta. Mas a ocultação permite falar de uma parte de sua identidade e não de sua totalidade. Jerusa Anunciação, no processo contínuo que é a construção da identidade, se tornou Jerusa Anunciação Mamede e, em meio a tanta gente, seu nome indica sua singularidade. “Nós nos tornamos

nosso nome” (Ciampa, 1994, p. 63). Com Jerusa, Anunciação vem antes de Mamede não somente na ordem de seu nome completo, mas em sua vida como um todo. Na possibilidade de subtração de parte de seu nome, lhe é causada estranheza e recusa, como se tirassem parte de sua identidade. O marido de Jerusa era turco, diz de um grupo específico ao qual Jerusa se distancia. Jerusa carrega o nome da avó, pertence a outro grupo social, isso aciona novos elementos lembrados pela neta. A personagem recupera “coisa dos preto” da época de sua avó, cujo os nomes vindos dos brancos eram apelidos, e, os nomes-sobrenomes africanos ficavam em segredo.

O significado de nome da avó recupera a astúcia e conta um pouco dessa outra história de vida. Uma avó negra-latina, fugida de senhor de escravo, se automeia Maria, homenagem a mãe de Cristo, se “desmarca” do dono e se remarca como “de aluguel”.

No jogo entre diferença e igualdade o nome é o que nos diferencia na família e o sobrenome é o que nos iguala a ela (Ciampa, 1994). Jerusa, iguala-se em nome com sua avó e se torna diferente em questão de história. A avó antes propriedade, outrora fugitiva, história que não se repete com a neta. Jerusa, como sugeria o cartório, não se torna propriedade de Raduan. Jerusa repreende manejos de sua nomeação, honra a luta de sua avó.

Além de neta de certa Maria, Jerusa diz de outro papel. Ao se casar com Raduan, no cartório, ela encarna um papel-determinante por grande parte de sua vida, Jerusa se torna esposa. Nesse papel, Jerusa-esposa, mulher, experimenta a dominação masculina. A vida com o falecido marido não era fácil, é o que a personagem revela a sua interlocutora Silvia, a ouvinte. Jerusa narra como o marido perdeu todo o dinheiro herdado. Jogava cartas. A imprudência do marido implica espoliação financeira para a esposa. Jerusa trabalha e poupa, Raduan tenta a sorte na jogatina, nas cartas, ele perde e implica mais despesas.

A mesmidade, esse processo que “se dá pelo ato de refletir sobre o que temos sido e o que podemos ser” (Paulino-Pereira, 2014, p. 62), parece ser vivenciado por Jerusa na velhice, na medida em que pode narrar e investigar a sua própria trajetória. Ao expor sua vida, percebe os efeitos da relação com Raduan em sua condição presente, vê como poderia ter criado outras possibilidades de existência. Mas será mesmo que a vida financeira que tem hoje se deve apenas a Raduan? É como se o marido fosse a representação e síntese de uma estrutura maior acumulando a questão de gênero, raça e classe.

A identidade pessoal é construída e modificada nas relações coletivas. Jerusa percebe efeitos das relações, e, ao dizer “se não fosse Raduan”, coloca em tensão as possibilidades e os fatalismos. Nos parece ser dessa história que Jerusa tenta fugir ao não trazer o sobrenome do falecido marido. Dele, Jerusa tenta extrair (in)diferença. Explorada, sustentava a casa enquanto seu marido gastava dinheiro em jogatinas. Jerusa repete uma vida “saqueada” enquanto o marido, luxúria. Ora, para Fernando-Paulino (2014, p. 50) na falta de movimento transformador enquanto “superação, o indivíduo vive sua metamorfose como mera reposição de sua identidade e essa reposição, que é reprodução da mesmice, é sustentada para conservar uma condição prévia, para preservar interesses em última análise, são os interesses do capital.”

Relações e papéis sociais mobilizam a identidade

Porque repõem-se condição desagradável para si? Relações de força, processos alienantes e condições materiais muitas vezes tendem a impedir a superação da mesmice. Nos lembra hooks (2020, p. 81), as repetidas experiências das mulheres, com seus papéis e sua trajetória de trabalho não valorizado, por si só já é um impeditivo da emancipação, é uma condição que não liberta de maneira alguma “mulheres pobres da classe trabalhadora da dominação masculina”. Ora, os desdobramentos do papel de esposa na

construção da identidade de Jerusa acionam outro papel, o de trabalhadora. Jerusa-trabalhadora é narrada já no serviço prestado por sua mãe, lavadeira de roupas, recupera as duras condições da mãe que lavava sete trouxas de roupa de sete “dondocas”, um sabão em pedra para setecentas peças.

A história da mãe revela duas classes de mulheres, as trabalhadoras e as “dondocas”. Jerusa narra a carga excessiva como imposição as lavadeiras e a disparidade entre situações sociais. Davis (2016) afirma que a realidade pós-escravidão impõe as mulheres negras longas jornadas de trabalho tanto no campo quanto no espaço doméstico, e, ainda sob as marcas da escravidão, seus ex-senhores operacionalizavam os serviços domésticos para que obtivessem a configuração mais próxima possível do cotidiano escravagista. Decretos e marcos legais não eliminam subitamente o peso secular da cultura escravagista, racista e misógina. A socialização em moldes opressores persiste.

A partir do que Berger e Luckmann (2004) entendem como socialização primária, percebemos que a socialização de Jerusa fora construída na presença dessa mãe, a lavadeira em busca do próprio sustento, questão de sobrevivência. Jerusa cresce internalizando o “destino” de trabalhadora-explorada. A mulher negra serve a “dondoca”. Se na socialização secundária entramos em contato com diferentes papéis sociais, no caso de Jerusa, em ambos os estágios de socialização se impõe o trabalho mal/parcamente remunerado. É no vivenciar do papel social que o as pessoas aprendem e dão manutenção em relações sociais e relações de produção já existentes na sociedade (Paulino-Pereira, 2014).

Semelhante a mãe, Jerusa se ocupou de serviços domésticos, se torna cozinheira. O trabalho destinado a pessoas negras quase sempre está ligado a prestação de serviços, sobretudo domésticos, são mulheres que lavam roupas, cozinham, limpam, cuidam de crianças, e corriqueiramente tem seu tempo tomado trabalhando/morando na casa de

“famílias brancas”. Para hooks (2018), grande parte do poder de classe e determinados privilégios alcançados por certas mulheres se dá pela miséria e opressão imposta a outras tantas mulheres.

O trabalho precarizado se institui na vida das mulheres negras, reproduzindo padrões escravagistas, autonomia “apagada” pela exploração, reduzindo a experiência de vida ao papel de trabalhador compulsório (Davis, 2016). Jerusa-trabalhadora vive a mesmice, é a reposição dos mesmos papéis. Mesmice é a condição de não modificação da consciência (Ciampa, 1994). Fadada as determinações sociais experimentando a negação da sua humanidade. Para alcançar as possibilidades de existência é necessário, mais uma vez, localizar a personagem como uma mulher negra e, nesse sentido, dizer que é “do contexto histórico em que o homem e a mulher vivem que decorrem suas determinações e, conseqüentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade” (Paulino-Pereira, 2014, p. 61). Jerusa envelheceu e o trabalho remunerado deu lugar a aposentadoria, mas sua identidade continua em movimento, mesmo que por mera reposição.

Analisamos a questão do nome, Jerusa-trabalhadora e também parte de sua condição socioeconômica. Mas a identidade diz respeito a um processo maior. Quando Jerusa narra as peripécias do marido, temos elementos para pensar melhor sua vida afetiva. Raduan tenta a sorte nos jogos, homem que não investe em Jerusa, mas dela subtrai. É a voz de uma mulher que reflete o distanciamento afetivo. A solidão do envelhecimento da pessoa negra implica discutir o abandono afetivo da mulher negra. Recordamos uma reportagem⁴ sobre como racismo e sexismo incidem sobre a solidão da mulher negra, ao qual a socióloga Ana Cláudia Lemos Pacheco afirma que a condição da

⁴ Matéria: “Racismo e sexismo aumentam solidão da mulher negra” produzida por Alex Bessas para a revista O Tempo. Acompanhamos a opinião de Ana Cláudia Lemos Pacheco. Material completo disponível em: <https://www.otempo.com.br/interessa/racismo-e-sexismo-aumentam-solidao-da-mulher-negra-1.2453919>.

mulher negra tem se resumido em servir e cuidar. Permanecer sempre disposta as necessidades do outro extrapolando a sua própria dignidade humana, nessa disposição da mulher negra se inclui o próprio corpo/carne. É a expressão intensa de subalternidade. Na trajetória de Jerusa vemos sua disposição para Raduan. Jerusa vive para trabalhar sustentar a casa sem contrapartidas. O desvalor é anterior ao seu processo de envelhecimento.

Ainda que alguns comportamentos possam variar em relação aos papéis do indivíduo, muitos destes mesmos comportamentos já estão mais ou menos prontos e cristalizados em relação a seus papéis (Heller, 1972). Assim, o papel de esposa é esperado de/para Jerusa: deveria estar à disposição de Raduan, servi-lo. Jerusa cumpre o papel que precipita sobre seu corpo, até a morte de seu marido. Ao narrar sua história, Jerusa (re)experimenta a solidão. O abandono “presente” na vida de mulheres negras. O paradoxal abandono-acompanhado.

Um dia comum para Jerusa, mas era o dia de seu aniversário de 77 anos. Jerusa se ocupava mais cedo de fazer o seu próprio bolo “festivo” para receber a companhia do filho e dos netos. Essa informação faz Silvia abraçar Jerusa, gesto recebido como por quem não é abraçada há anos. Abraço demorado a ponto de gerar constrangimento na pesquisadora fazendo-a tomar a iniciativa de cessá-lo. Silvia oferece a Jerusa um presente de aniversário, promete terminar a pesquisa em 15 minutos para não atrapalhar a comemoração anunciada com seus entes. Mas para Jerusa, o presente parece ser a presença de Silvia.

Antes de Silvia, as cenas de Jerusa eram habitadas pelo isolamento. Ao ser indagada sobre o número de pessoas com quem mora, é o vento desfazendo a mesa posta a única resposta. Nos parece oportuno retomar nossa hipótese inicial: a servidão como pilar dos papéis sociais impostos à mulher negra. No entanto, na análise do curta-

metragem esta hipótese dá lugar a uma constatação mais complexa. Encontramos uma realidade corruptora das vias de metamorfose da identidade por intermédio da subtração de socializações possíveis durante o envelhecimento: a solidão forçada. Essa solidão imposta aparece como violência derradeira para quem tem muito a (re)contar. No abandono os impeditivos para o movimento da vida funcionam para afastar o indivíduo de suas socializações. Sem relações sociais a vida se perde.

Jerusa mora sozinha? Sem respostas, precisamos nos “agarrar” as entrelinhas do decorrer da narrativa cinematográfica. Silvia não repete a pergunta e quando terminam de arrumar o que o vento bagunçou outra questão é posta. Silvia precisa saber a quantidade de filhos de Jerusa, que se ocupa respondendo por descrição qualitativa:

Carlos Alberto ama chá de capim santo, desde menino. Quando houve o acidente no metrô lá em Pinheiros, eu liguei na engenharia elétrica e pedi pra copeira não esquecer do chá de capim santo de Carlos Alberto. Ele devia estar tão nervoso, meu menino. Eu fiquei tão angustiada esperando a volta dele [...] (O dia de Jerusa, 2017, 13min 35seg).

Marcelinho, meu neto, filho de Ana Rita adora beijinho, mas a mãe dele não gosta de fazer. Ela demora muito enrolando as bolinhas. Ana Rita sempre deixava tudo pela metade. Nem de balanço ela gostava, ela achava chato o vai e vem. O vai e vem sem parar (O dia de Jerusa, 2017, 14min10seg).

Jerusa está inclinada a demorar nos detalhes passados fazendo-os presente. Como são Carlos Alberto e Ana Rita agora? Assim como o sabão da época de sua mãe, Jerusa narra o tempo passado, pois é lá que se encontra na presença dos entes. A pesquisadora Silvia, desconhecida, se torna a oportunidade de Jerusa sentir-se mãe e sentir-se filha na operação do contar-se. Explora e articula seu ofício de cozinheira com Jerusa-aposentada.

Para a personagem Jerusa, ser mãe, filha e esposa, equipara-se a importância de ser cozinheira, trabalho e papel social. Para as autoras Lopes et al. (2010, p. 379), o papel de trabalhador ganha “destaque entre os papéis sociais representativos do eu”. Nos possibilita compreender, na identidade de Jerusa, a existência de uma tensão entre cozinheira e aposentada. Jerusa não vende mais a sua força de trabalho, sendo assim, a quem seria útil? Sua mãe é descrita pela utilidade, lavadeira. Os filhos, pelos gostos e brincadeiras. Mas o que resta ao aposentado? Qual sua atividade além do “esperar”? Sedimentos de práticas sociais estigmatizantes de pessoas idosas. Ser incapaz de fazer girar a engrenagem da produção e acumulação implica esquecimento e descarte?

Em uma sociedade que supervaloriza a produção em consonância a assistência ininterrupta das demandas das classes dominantes, Jerusa se torna mulher negra e “velha”, alguém a ser esquecida. Subjugada na experiência de ser mulher, e, além, negra e idosa, temos resultados de socializações impedidoras de se viver a metamorfose enquanto superação. Acompanhamos seu movimento como mera reposição de sua identidade.

Em última análise, nossa compreensão aprofundada a respeito da construção da identidade da personagem Jerusa, os resultados se aproximam com resultados de análises de narrativas da vida cotidiana. Como Santos e Rabelo (2022, p. 12) trazem:

Tendo em vista os aspectos interseccionais de raça, gênero e faixa etária, observa-se que o entrelaçamento destas categorias desprivilegia este grupo que historicamente vivencia situações de iniquidades que se refletem nos âmbitos educacionais, relacionais, trabalhistas e de saúde, impactando de maneira significativa a subjetividade desta população.

Recordando, o conceito de identidade que trabalhamos engloba a dimensão subjetiva, contempla o fenômeno que se desdobra em interiorização e internalização das socializações. Considerar a construção da identidade é buscar pelas experiências de vida.

É no desfecho da narrativa que a personagem Jerusa nos indica aquilo que lhe “devolve” fragmentos de sua humanidade. Silvia a pesquisadora, inclui-se no papel de companhia, decide ser presente no dia de Jerusa. O ato de acompanhar e escutar tende a construir interlocução e “espaço” para voz, permitindo o sentir “pulsante” da viva. Jerusa existe. Silvia interage com Jerusa ensinando-a uma canção de aniversário. O processo da velhice não deve ser visto como encerramento do movimento da identidade. Podemos inserir encontros e trocas. Se filhos, netos, mãe, avó e marido se revelam como história e memória, narrativa(s), a intensa solidão que “impregna” o ambiente e o encontro impele a pesquisadora Silvia tornar-se “família” de Jerusa, presença.

O abandono-solidão parece ser o que melhor representa a síntese da identidade da personagem Jerusa, traduzido por imperativos de movimento entre servir e ser invisibilizada.

Considerações finais

Discutimos a velhice pela análise da identidade. Quando visualizamos a velhice somada a critérios de gênero e raça, nos damos conta de um “campo” ainda a ser explorado. Na análise de uma personagem fictícia, deparamo-nos com o racismo, a servidão e a discriminação como condição do “ser” idoso, questões tão urgentes a nossa realidade hoje. Jerusa narra do âmago de sua alienação o processo de sua identidade. Jerusa enquanto mulher, negra e em processo de envelhecimento, nos permite articular diferentes aspectos atrelados aos elementos que possibilitam o movimento de alienação/emancipação.

A escolha da técnica narrativa a partir do material cinematográfico ainda fornece desafios pois articula e entrecruza inúmeros aspectos que devem ser considerados. Nossa escolha metodológica possibilita (re)pensar a nossa realidade via personagens fictícios, tão reais em questão histórica. Talvez o grande entrave de se trabalhar com uma narrativa

já “dada”, é a impossibilidade de podermos retornar/perguntar, mais uma vez, sobre pontos que se apresentam lacunares, carência dialógica. Contudo, nosso percurso metodológico foi potencializado à medida que articulamos um referencial teórico balizado por tema e não por disciplina especializada. A revisão bibliográfica evidenciou os olhares materializados para a mulher negra, a velhice, preconceitos e estereótipos a ela imbricados, nos colocando atentos a ressonâncias da vida real, mundo cotidiano.

Relacionamos teoria e perspectiva da personagem para compreendermos sua identidade. Sob processos alienantes, mas com luta pela emancipação, a identidade metamorfose de Jerusa está “carregada” de solidão e “movimento dificultado”.

Acompanhamos como é o lugar “fornecido” para pessoas como Jerusa, que são negras e que conseguiram chegar/experimentar certa velhice. Desenha-se o lugar do esquecimento, da rejeição, anulação e até mesmo desumanização. E diferente das pessoas brancas, Jerusa e outras pessoas da vida cotidiana, não precisam necessariamente experimentar a velhice para viver o abandono. A sociedade reserva a pessoa negra intermináveis processos de exclusão.

Este texto indica a necessidade de um importante caminho a ser trilhado pela psicologia, aproximações com mulheres negras que narram a própria velhice e sua trajetória de vida. Perceber e escutar os abandonados, acolher os excluídos, se torna vereda para contribuir com uma psicologia transformadora e engajada com a construção de uma realidade mais justa e que promova emancipação e autonomia. “Jerusas” (r)existem.

Referências

- Almeida, J. A. M. (2017). Identidade e emancipação. *Psicologia & Sociedade*, 29.
<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i170998>
- Benedito, A. (2009). *Igualdade e diversidade no trabalho da mulher negra: superando obstáculos por meio do trabalho decente* [Dissertação de mestrado, Universidade Presbiteriana Mackenzie].
- Benjamin, W. (2021). A obra de arte na época da possibilidade de sua reprodução técnica. In W. Benjamin, *Estética e sociologia da arte* (pp. 7-48). Autêntica.
- Berger, P. L. & Luckmann, T. (2004). *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Vozes.
- Bourdieu, P. (2006). A ilusão biográfica. In M. M. Ferreira, & J. Amado (Orgs.), *Usos e abusos da história oral* (pp. 183-191). FGV.
- Bruner, J. (2002). *Making stories: law, literature, life*. Harvard University Press.
- Bruner, J. (2004). *Life as narrative* (Vol. 71). Social Research.
https://ewasteschools.pbworks.com/f/Bruner_J_LifeAsNarrative.pdf
- Camarano, A. M. (2003). Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? *Estudos Avançados*, 17(49), 35-63. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300004>
- Cepellos, V. M. (2021). Feminização do envelhecimento: um fenômeno multifacetado muito além dos números. *Revista de Administração de Empresas*, 61(2), e20190861.
<https://www.scielo.br/j/rae/a/9GTWvFfzYFnzHKyBhqGPc4j/?lang=pt#>
- Ciampa, A. C. (1994). Identidade. In W. Codo, & S. Lane (Orgs), *Psicologia social: homem em movimento* (pp. 58-75). Brasiliense.

- Ciampa, A. C. (2001). *A Estória do Severino e a História da Severina: Um ensaio de Psicologia Social*. Editora Brasiliense.
- Costa, S. (2002). A construção sociológica da raça no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, 24 (1), 35-61. <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000100003>
- Coutrim, R. M. E. (2006). Algumas considerações teóricas e metodológicas sobre estudos de sociologia do envelhecimento. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 9(3), 67-88. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2006.09036>
- Cruz, R. C., & Ferreira, M. A. (2011). Um certo jeito de ser velho: representações sociais da velhice por familiares de idosos. *Texto & Contexto: Enfermagem*, 20(1). <https://doi.org/10.1590/S0104-07072011000100017>
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. Boitempo.
- Dayrell, J. (2003). O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, (24), 40-52. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2008). *Desigualdades raciais, racismo e políticas públicas: 120 anos após a abolição*. Diretoria de Estudos Sociais, Ipea. http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4729/1/Comunicado_n4_Desigualdade.pdf
- Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada*. Guanabara Koogan.
- Gonzalez, L. (1979). *O papel da mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica*. Mimeografado.
- Guimarães, A. S. A. (1995). Racismo e Anti-racismo no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP* (43), 26-44. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2128310/mod_resource/content/1/ASG_racismo_e_anti_racismo_NE%2043_1995.pdf

Heller, A. (1972). *O cotidiano e a história*. Paz e Terra.

Hooks, B. (2018). *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rosa dos Tempos.

Lane, S. T. M. (1994). A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. In W. Codo, & S. Lane (Orgs), *Psicologia social: homem em movimento* (pp. 10-19). Brasiliense.

Lima, A. F. (2007). Para uma reconstrução dos conceitos de massa e identidade. *Revista Psicologia Política.*, 7(14).

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2007000200003&lng=pt&nrm=iso

Lima, M. R., Rios, F., & França, D. (2013). Articulando gênero e raça: a participação das mulheres negras no mercado de trabalho (1995-2009). In M. M. Marcones, L. Pinheiro, C. Queiroz, A. C. Querino, & D. Valverde (Orgs.), *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil* (pp. 53-80) Ipea.

https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dossie_mulheres_negras.pdf

Lopes, R. F., Lopes, M. T. F., & Câmara, V. D. (2010). Entendendo a solidão do idoso. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 6(3).

<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/viewFile/362/818>

Maroun, K., & Vieira, V. (2008). Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. *Psicologia em Revista*, 14(2), 171-186.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000200011&lng=pt&tlng=pt

- Mucida, Â. (2009). *Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice*. Autêntica.
- Munanga, K. (2004). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. EDUFF. <https://biblio.fflch.usp.br/pedidos/2338>
- Odun Filmes (2017, 25 de agosto). O dia de Jerusa [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=0RY3pkRcPiQ&t=338s>
- Pacheco, A. C. L. (2013). *Mulher negra: afetividade e solidão*. ÉDUFBA.
- Paula, C. E. A., Silva, A. P., & Bittar, C. M. L. (2017). Vulnerabilidade legislativa de grupos minoritários. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(12), 3841-3848. <https://doi.org/10.1590/1413-812320172212.24842017>
- Paulino-Pereira, F. C. (2014). *Psicologia Social e Identidade Humana: a militância social como luta emancipatória*. Paco Editorial.
- Román, A. L., Parra, M. L., Giraldo, A. M., Alzate, Y. U., & Álvarez, M. T. (2010). Cine y literatura: Narrativa de la identidad. *Anagramas: Rumbos y sentidos de la comunicación*, 8(16), 129-148. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4851629.pdf>
- Santos, D. C. A. (2018). *Corpo Negro Feminino: Ressignificação em Performances de Mulheres Negras* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro].
- Santos, N. R. P., & Rabelo, D. F. (2022). Racismo e eventos produtores de estresse: narrativas de pessoas idosas negras. *Ciências Psicológicas*, 16(2), e2494. <https://doi.org/10.22235/cp.v16i2.2494>
- Schucman, L. V., & Gonçalves, M. M. (2020). Raça e subjetividade: do campo social ao clínico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72(especial), 109-123.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672020000300009

Silva, A. (2017). *Determinantes da incapacidade funcional de idosos da cidade de São Paulo na perspectiva étnico-racial* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo].

Silva, A. (2019). O envelhecimento na perspectiva do racismo e de outras formas de discriminação: influências dos determinantes institucionais e estruturais para a vida das pessoas idosas. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 22(4). <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/sDTHTLQdgb4hXPCHMBvXVZH/?format=pdf&lang=pt>

Silva, L. R. F. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 15(1). <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000100009>

Silva, T. D. (2013). Mulheres negras, pobreza e desigualdade de renda. In M. M. Marcones, L. Pinheiro, C. Queiroz, A. C. Querino, & D. Valverde (Orgs.), *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil* (pp. 109-132) Ipea. https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dossie_mulheres_negras.pdf

Souza, E. P., & Santos, E. R. (2016). O dia de Jerusa: representações de gênero, identidade, memórias e afetos. *Revista Gênero*, 17(1), 67-81. <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31248>

Teixeira, S. M. (2009). Envelhecimento do trabalhador e as tendências das formas de proteção social na sociedade brasileira. *Argumentum*, 1(1), 63-77. <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/13>

Veras, R. (2009). Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. *Revista de Saúde Pública*, 43(3), 548-554.

<https://doi.org/10.18315/argumentum.v0i0.13>